

Drogas psicoativas no contexto de trabalho do professor de escola pública

Psychoactive drugs in the context of work of the teacher of public school

Drogas psicoactivas en el contexto de trabajo del profesor de escuela pública

Tatiane Xavier Bauer¹, Rosa Jacinto Volpato², Vagner Ferreira do Nascimento³, Elias Marcelino da Rocha⁴, Pâmela Roberta de Oliveira⁵, Maria Aparecida Sousa Oliveira Almeida⁶, Margarita Antonia Villar Luis⁷, Alisséia Guimarães Lemes⁸

RESUMO

Objetivo: investigar a presença de drogas psicoativas no contexto de trabalho do professor. **Método:** trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado no primeiro semestre de 2015, com 30 professores que atuavam em escolas de ensino médio público no interior de Mato Grosso. Utilizou-se um roteiro para a realização da entrevista audiogravada. Os dados foram analisados por meio da análise temática. **Resultados:** o estudo revelou que os professores estão cotidianamente em contato com estudantes que consomem drogas psicoativas. Esses profissionais acreditam que a adolescência contribui para o uso de drogas psicoativas e que este consumo compromete o desempenho escolar. O estudo ainda revelou que dentro da escola tem sido abordado a temática sobre drogas psicoativas de forma esporádica, e conseqüentemente pouco eficaz. Verificou-se também que os professores sentem-se impotentes diante da problemática, principalmente por

¹Enfermeira. Professora substituta do curso de enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: tati_txb@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4682-5257>

²Enfermeira. Mestre. Professora substituta do curso de enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: rosamjacinto@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4753-3264>

³Enfermeiro. Doutor. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Departamento de Enfermagem. Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. E-mail: vagnerschon@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3355-163X>

⁴Enfermeiro. Mestre. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA), Departamento de Enfermagem. Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: elefamoso@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0086-8286>

⁵Enfermeira. Mestre. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA), Departamento de Enfermagem. Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: pamela_veira@yahoo.com.br ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0497-6548>

⁶Enfermeira. Mestranda em Imunologia e Parasitologia Básicas e Aplicadas da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: almeidacida@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1448-2923>

⁷Enfermeira. Doutora de Enfermagem. Professora Titular no Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: margarit@eerp.usp.br ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9907-5146>

⁸Enfermeira. Mestre. Docente Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: alisseia@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6155-6473> Autor principal - Endereço para correspondência: Avenida Valdon Varjão, nº 6.390. Barra do Garças-MT, Brasil. CEP: 78600-000.

desconhecerem formas adequadas de abordagem com os estudantes. **Conclusão:** o estudo demonstrou a carência dos professores para o enfrentamento de questões referentes às drogas psicoativas nesse cenário, o que indica a necessidade de incluir esse conteúdo em formações continuadas e investimentos em projetos interdisciplinares com vistas a promover a qualidade de vida dos estudantes.

Descritores: Adolescente; Drogas; Ensino Médio; Professores; Prevenção.

ABSTRACT

Objective: to investigate the presence of psychoactive drugs in the work context of the teacher. **Method:** this is a descriptive study with a qualitative approach, carried out in the first half of 2015, with 30 teachers working in public high schools in the interior of Mato Grosso. A script was used for the audiograped interview. The data were analyzed through the thematic analysis. **Results:** the study revealed that teachers are in daily contact with students who consume psychoactive drugs. These professionals believe that adolescence contributes to the use of psychoactive drugs and that this consumption compromises school performance. The study also revealed that within the school the issue of psychoactive drugs has been approached sporadically, and consequently little effective. It was also found that teachers feel powerless in the face of the problem, mainly because they do not know the proper ways of approaching students. **Conclusion:** the study demonstrated the lack of teachers to face issues related to psychoactive drugs in this scenario, which indicates the need to include this content in continuing education and investments in interdisciplinary projects to promote the quality of life of students. **Descriptors:** Adolescent; Drugs; Education Secondary; Faculty; Prevention.

RESUMEN

Objetivo: investigar la presencia de drogas psicoactivas en el contexto de trabajo del profesor. **Método:** se trata de un estudio descriptivo con abordaje cualitativo, realizado en el primer semestre de 2015, con 30 profesores que actuaban en escuelas de enseñanza media pública en el interior de Mato Grosso. Se utilizó un guión para la realización de la entrevista audiogravada. Los datos fueron analizados a través del análisis temático. **Resultados:** el estudio reveló que los profesores están cotidianamente en contacto con los estudiantes que consumen drogas psicoactivas. Estos profesionales creen que la adolescencia contribuye al uso de drogas psicoactivas y que este consumo compromete el desempeño escolar. El estudio aún reveló que dentro de la escuela se ha abordado la temática sobre drogas psicoactivas de forma esporádica, y consecuentemente poco eficaz. Se verificó también que los profesores se sienten impotentes ante la problemática, principalmente por desconocer formas adecuadas de abordaje con los estudiantes. **Conclusión:** el estudio demostró la carencia de los profesores para el enfrentamiento de cuestiones referentes a las drogas psicoactivas en ese escenario, lo que indica la necesidad de incluir ese contenido en formaciones continuas e inversiones en proyectos interdisciplinares con miras a promover la calidad de vida de los estudiantes.

Descriptorios: Adolescente; Drogas; Escuela Secundaria; Maestros; Prevención.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas psicoativas constituiu desde tempos imemoriais num hábito de integração ou misticismo presente nas comunidades em cerimônias, rituais e festividades. Porém, fora desses contextos, nas sociedades modernas seu uso tornou-se um fenômeno complexo e multifatorial, englobando diferentes grupos sociais e faixas etárias, com repercussões individuais e coletivas^{1,2}.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), drogas psicoativas são substâncias não produzidas pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento, quando consumidas são capazes de alterar as funções mentais como a percepção, vigília, atenção, pensamento, julgamento, comportamento psicomotor e as relações interpessoais, podendo levar a dependência³.

No Brasil, entre os adolescente, a média de idade de início de uso entre escolares situa-se entre os 13 anos (para o álcool) e 13 e 14 para as outras substâncias psicoativas⁴. Observa-se um aumento e uso cada vez mais precoce dessas substâncias⁵, o que compromete a saúde em uma fase importante do desenvolvimento e expõe ainda mais à situações de vulnerabilidade como IST/AIDS^{6,7} e acidentes de tráfego⁸.

Para o adolescente, correr riscos é uma maneira de reconhecer o poder que exerce sobre o seu corpo novo e desconhecido^{9,10} e de satisfazer uma necessidade de desenvolvimento da autonomia, do domínio de si e da individualização. O egocentrismo exagerado, pode incrementar sentimentos de onipotência e invulnerabilidade pessoal, e leva-lo a adotar comportamentos de risco¹⁰. A vulnerabilidade característica da etapa da adolescência pode ser agravada por esse sentimento de onipotência, pois, o adolescente sente-se indestrutível e imune a qualquer problema de saúde vivenciado pelas outras pessoas¹¹. Assim, esse tempo de exploração, descobertas e escolhas, que implica na busca de novas atividades e iniciativas, embora tenha nuances positivas, pode levar a desfechos indesejados¹².

Entre os espaços privilegiados para o desenvolvimento de atividades que propiciem informação, as instituições de ensino se destacam, pois é nesse ambiente onde ocorrem as interações de um coletivo diverso e vulnerável às descobertas próprias da fase da adolescência. Esse período, conforme exposto, é marcado pelo

desejo do jovem em imaginar-se independente e livre, associado à ilusão de grandeza (nada vai acontecer comigo! Sei cuidar de mim!), querer ser aceito por grupos de pares e outras situações geradoras de conflitos e enfrentamentos com instituições sociais (família, escola, dentre outras).

Constitui-se a etapa da vida que interessa aos educadores e pesquisadores de áreas afins em função de suas peculiaridades, muitas das quais associadas à conquistas, mas também há riscos como a gravidez não planejada, acidentes, violência, uso de drogas psicoativas e outros problemas de saúde mental^{12,13}.

A implementação de atividades que envolvam a promoção da saúde e a prevenção do uso de drogas, visando impedir os danos provocados pelo consumo abusivo dessas substâncias psicoativas é relevante e torna-se fundamental. Porém, estudos apontam que oferecer informação sobre o uso de drogas, por si só não é uma unanimidade, pois, apesar da sua importância, há de se ter cuidado para que o divulgado não desperte a curiosidade para o uso e sim constitua elemento para prevenção^{14,15}.

O espaço educativo não se limita a empreendimentos para a construção do conhecimento, mas também à formação de pessoas capazes de agir com compreensão das próprias ações¹⁶. Desta forma, torna-se necessário instrumentalizar os professores para lidar com a problemática de drogas, visto que muitos não possuem recursos em termos de disponibilidade pessoal e informação suficientes para gerenciar no cotidiano escolar as demandas relacionadas à essa questão¹⁷.

Frente às dúvidas e a um futuro que se apresenta desafiador, surgiu o questionamento: “as drogas psicoativas fazem parte do cotidiano do professor no ambiente escolar?” Com isso em mente, o estudo teve o objetivo investigar a presença de drogas psicoativas no contexto de trabalho do professor.

MÉTODO

Estudo descritivo e com abordagem qualitativa, realizado em instituições de ensino público de um município no interior de Mato Grosso. A localidade possuía no momento da pesquisa nove escolas em potencial para o estudo, mas somente cinco aceitaram participar.

Como participantes do estudo, foram selecionados aleatoriamente professores segundo os critérios de inclusão: lecionar em séries do ensino médio (1º, 2º e 3º ano) de escolas urbanas, com idade ≥ 18 anos. Sendo excluídos, aqueles que se encontraram afastados do serviço por meio de atestado médico, licença maternidade, licença-prêmio ou férias no período da coleta de dados. Convidaram-se 37 professores que atenderam os critérios e 30 aceitaram a participar do estudo.

A pesquisa foi realizada nos meses de abril a junho de 2015, mediante a disponibilidade dos professores. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada baseada em roteiro que continha questões abertas e fechadas. Seu conteúdo fundamentou-se em experiências prévias com outros professores com conhecimento específico da população em estudo¹⁸. Foram incluídas características sociodemográficas (faixa etária, gênero, estado civil e escolaridade), temas relacionados à profissão, ao conhecimento sobre drogas e adolescência, e atitudes práticas frente ao uso de drogas entre escolares. As entrevistas foram audiogravadas com a autorização dos participantes e realizadas em local apropriado (reservado).

Após a conclusão das entrevistas, houve a transcrição na íntegra de todas as narrativas, aplicando a Análise Temática proposta por Bardin¹⁹, que seguiu a ordem de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Inicialmente procedeu-se à leitura de cada entrevista transcrita em seguida agrupou-se o material por questão e para cada narrativa de professor utilizou-se codificação do tipo alfanumérica, de modo que a letra P indica o Professor e o elemento número que compõe apenas indicou a posição do discurso no desenvolvimento da análise (ex: P1, P2, ...).

Na leitura individual das transcrições das entrevistas identificaram-se os temas predominantes em cada uma e na sequência analisaram-se no conjunto, do tratamento desse material, emergiram três categorias temáticas: O uso de drogas psicoativas entre adolescentes escolares; As drogas no contexto escolar; Prevenção do uso de drogas psicoativas na escola.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Universitário do Araguaia, sob CAAE: 34568014.8.0000.5587 e protocolo número 515/705, tendo sido respeitado rigorosamente todos os princípios e diretrizes éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, em atendimento a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Todos os participantes do estudo, aceitaram participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo, predominaram professores do sexo feminino, com idade entre 21 a 62 anos e média de idade de 38 anos, casados, com nível de escolaridade especialização lato senso (50%) e somente graduação (40%). No que se refere à formação dos entrevistados, houve maior participação de professores da área de Química (20%), Letras (17%), Matemática (13%), História (13%), Biologia (11%) e Pedagogia (11%), que lecionavam entre dois a 35 anos, com média de 11 anos na docência.

O uso de drogas psicoativas entre adolescentes escolares

Na escola, a interação mais efetiva dos adolescentes com os professores é fundamental para o crescimento e desenvolvimento de ambos. Esse contato pode estabelecer uma conexão entre os conhecimentos teóricos e a realidade do mundo que é vivenciada pelos estudantes, tornando-se um local de troca de vivências e parte da rede de apoio social²⁰. Nesse sentido, para pensar em prevenção ou promoção a saúde no ambiente escolar, é preciso perceber a educação para além de um processo de socialização e integração, e acrescentar a incorporação de valores e propiciar requisitos para a melhora da qualidade de vida²¹.

As orientações em relação à saúde do escolar estão incluídas nesse contexto mais amplo, mas antes de intervir é fundamental compreender o conhecimento que os professores têm sobre as substâncias psicoativas.

É tudo aquilo que de alguma forma interfere na sua percepção, na sua capacidade de percepção da realidade. (P4)

Pra mim, é tudo aquilo que te dá um vício, te dá aquela dependência, aquela necessidade na qual você tenha que necessariamente ter a obrigação de usar. (P23)

O entendimento que revelam nas definições indica uma concepção de algo que interfere na atividade perceptiva do escolar e que pode ter implicações

negativas na vida dos escolares, que traz algum tipo de privação ou servidão. Concepções, talvez relacionadas às alterações físicas e psíquicas que vêm na sua experiência ou em programas divulgados pela mídia, que as drogas psicoativas podem causar no organismo de um indivíduo, tais como, euforia e perda de peso (crack, cocaína, ecstasy), sensação de desligamento da realidade (álcool, tranquilizantes), perturbação do funcionamento cerebral (alucinógenos), relaxamento e ilusões (maconha, chá de cogumelos)²².

Segundo alguns professores, a fase da adolescência pode contribuir de alguma forma para o consumo precoce de drogas psicoativas.

*Por mais que ele saiba que é certo ou errado eles não têm uma coisa chamada maturidade, né, experiência de vida [...]. (P4)
[...] acho que por conta da descarga hormonal, ele não tem medo de morrer, é muito corajoso o adolescente. (P12)*

Esse consumo também é atribuído a conflitos familiares, e inobservância dos pais.

*[...] familiares... (P13). Conflito familiar [...]. (P19)
[...] falta de acompanhamento dos pais [...]. (P28)*

Ou, por curiosidade, influências de amigos, familiares e outras pessoas do entorno que façam uso.

[...] curiosidade [...] (P23). [...] amigos, familiares e o convívio com pessoas que já usam [...]. (P13)

Embora nessa etapa do desenvolvimento, a influência de pares seja fundamental, não há destaque para o protagonismo da amizade entre os jovens como uma influência positiva e, portanto, uma proteção²³, em geral o que prevalece é a crença da influência negativa das amizades²⁴, fato observado nas narrativas dos professores do estudo.

Os fatores apontados pelos professores permitem perceber crenças que se embasam na multicausalidade atribuída ao uso das substâncias pelos escolares, mas, com maior ênfase na influência familiar.

Nesta fase de transição do ciclo vital, a família ainda representa o eixo de referências simbólicas para o indivíduo em desenvolvimento, pois, representa o contexto no qual se busca encontrar proteção, segurança e afeto. Para que a função

de promover essas condições se concretize, a organização familiar necessita proporcioná-las para o jovem que está em consolidação²⁵.

As famílias são consideradas responsáveis pelos seus jovens, já que no ambiente familiar se constroem, compartilham experiências (que deveriam ser construtivas) e são transmitidas as primeiras regras e valores associados ao convívio social²⁴. Entretanto, no tocante ao uso de algumas substâncias psicoativas, em muitas famílias, a visão do uso que predomina, não é de risco à saúde, mas de um elemento agregador parte da cultura²⁶. O estudo de Sanchez²⁷, mostrou que efetivamente, a informação trazida pela família foi a de maior impacto para o não uso entre jovens em situações de risco.

Os hábitos e formas de interação dos pais/responsáveis com o escolar no cotidiano familiar influenciam nos aspectos e concepções psicossociais que ele incorpora e podem facilitar o seu acesso ou utilização das drogas psicoativas. Dois estudos apontaram que a ausência de supervisão e monitoria da dinâmica familiar, bem como baixo envolvimento e comunicação parental negativa e coercitiva, favorecem aos adolescentes a adesão de estilos de vida destrutivos e o uso/abuso de drogas psicoativas^{28,29}.

As drogas no contexto escolar

O uso de drogas está presente no contexto escolar como algo aparentemente frequente, mencionado pelos alunos que não fazem uso e pelos usuários com dificuldades. Inclusive os professores apontam o uso como um problema com alcance extramuros.

[...] na realidade a gente sabe, né, a gente não prova que aquele aluno usa, mas sabe que usa, até pelos próprios comentários dos colegas em sala [...].
(P24)

Não é uma realidade só da minha escola, mas é uma realidade social [...].
(P6)

Com certeza, inclusive alunos confidenciam isso pra gente, que faz uso, que não consegue se libertar [...]. (P28)

O convívio próximo professores/alunos, permite o conhecimento sobre capacidades e limitações nos enfrentamentos cotidianos e identificar sinais ou situações de risco para o uso de drogas psicoativas. Com isso a escola pode

contribuir antecipadamente com ações de mediação e os encaminhamentos necessários³⁰.

A dificuldade que a gente encontra aqui é identificar, né, [...]. (P3)

Verificou-se que nem todos os professores do presente estudo mencionaram ser capazes de identificar realmente se o aluno fez o uso da substância psicoativa, talvez por não saber ou não querer se envolver. O professor apresenta-se como sendo um agente que pode ser protagonista no que tange à percepção do uso das substâncias psicoativas pelos estudantes e neste estudo, pode-se verificar que alguns foram hábeis na identificação do consumo entre seus alunos, através da observação de algumas características e comportamentos que atribuíram ao efeito das substâncias.

[...] mudança de humor [...]. (P1)

[...] atitudes estranhas de se sentir perseguido [...]. (P16)

[...] olhos vermelhos [...]. (P17)

[...] agressividade, inquietação [...]. (P24)

Ainda no que se refere às atitudes do aluno, os professores associaram alguns comportamentos específicos a determinados tipos de substâncias.

[...] no caso do álcool, além de eu sentir o cheiro do estudante, eu vejo que ele ficou eufórico, não consegue concentração. No caso da maconha, o estudante fica com olho vermelho, sonolento, é isso que eu percebo [...]. (P3)

[...] os que usam a cocaína, por exemplo, chegam esfregando o nariz [...]. (P5)

Dentre as alterações que as drogas psicoativas podem ocasionar, destacam-se as alterações que afetam a conduta social, a desinibição, os sintomas agressivos, lacunas na concentração e diminuição do rendimento escolar. Também são observadas a diminuição na comunicação intrafamiliar e a mudança em hábitos usuais, como perda de motivação social com apatia³¹.

Houve certa unanimidade entre os professores ao afirmarem os danos ao rendimento escolar em decorrência do uso de drogas pelos escolares.

Com certeza, né, abaixa o nível intelectual. (P3)

Compromete muito [...]. Eles vêm pra escola, tipo assim, pra fugir da família, [...] pra ficar escondido, pra dormir dentro da sala de aula. (P5)

Outro estudo realizado em dois municípios de São Paulo (Brasil) corrobora esse achado ao mostrar declarações de adolescentes usuários exclusivos de álcool e de tabaco, ou adolescentes usuários de álcool e tabaco com drogas ilícitas, que apresentaram problemas escolares: notas abaixo da média, não realização dos deveres escolares, sensação de tédio na escola, repetições de ano escolar e ideias de abandono à escola. Este mesmo estudo revelou ainda o baixo rendimento escolar como fator de risco para o uso de drogas psicoativas na adolescência³².

O mesmo foi observado em estudo realizado em município de Minas Gerais (Brasil) em que o uso de qualquer droga psicoativa foi negativamente associado ao desempenho escolar e que é pior se houver o consumo de múltiplas drogas (álcool, tabaco e drogas ilícitas)²². Enquanto que ter um bom desempenho escolar pode contribuir para diminuir os problemas relacionados ao uso de drogas lícitas (álcool) entre os estudantes³³.

A utilização de drogas psicoativas, às vezes socialmente aceitas pela sociedade, parece não causar tanta preocupação para o meio, mas percebem que esse comportamento naturalizado pode conduzir a usos de outras substâncias, seja porque os pais consentem ou pela facilidade de adquirir.

Narguilé. [...], e interessante é que usam com o consentimento dos pais [...]. (P2)

As lícitas é a bebida e o cigarro [...] e para mim, a porta para outras drogas é o álcool. (P10)

[...] O álcool também, né, eles têm facilidade de comprar. Ontem, uma menininha de 10 anos, trouxe álcool pra escola na garrafinha de água [...]. (P18)

Também apareceu nas narrativas, o consumo expandido de tabaco por meios não convencionais para a cultura ocidental e isso tem preocupado os órgãos de saúde, principalmente pela crença disseminada entre os jovens que esses instrumentos de fumo como, por exemplo, o narguilé, possa ser menos prejudicial³⁴.

O álcool e tabaco na concepção dos professores são as substâncias mais acessíveis aos estudantes. Estudos realizados no México (Monterrey e Puebla) com estudantes do ensino médio também revelaram o álcool como a substância mais aceita e um consumo de risco entre os estudantes^{30,35}. O mesmo foi verificado entre esse público em estudos brasileiros locais no interior de Mato Grosso¹² e no interior de Minas Gerais²².

Ambas substâncias, álcool e tabaco, aparecem nesta pesquisa e nos vários estudos citados como drogas lícitas utilizada com mais frequência pelos estudantes, em concordância com os dados epidemiológicos disponíveis sobre o consumo nacional³⁶, cujos padrões de consumo permanecem os mesmos, segundo outro estudo³⁷, que avaliou os resultados de um programa de prevenção do uso de substâncias aplicado nas escolas em nível nacional.

Os resultados evidenciam o consumo de álcool, tabaco e outras drogas psicoativas como um fenômeno complexo, multifatorial e socialmente determinado³⁸, questões que já vem sendo colocadas pelos pesquisadores da área que embasaram o presente estudo, daí a grande dificuldade em abordá-lo, pois, pressupõe o manejo de fatores individuais, escolares, familiares e de natureza sociocultural.

Os professores revelam que estão lidando com a problemática das drogas constantemente nas escolas em que atuam. Entretanto, apesar de serem capazes de identificar, afirmam estar ou sentir-se impossibilitados de tomarem atitudes em relação ao enfrentamento dessa prática. Essa percepção desencadeia sentimento de impotência e fragilidade.

[...] a maioria das vezes a gente se sente impotente, porque às vezes a gente até percebe que o problema está acontecendo, mas a gente não sabe como lidar com problema. (P25)

Estudos mostraram que apesar de compreenderem a importância do problema, os professores tendem a não assumir a tarefa de fazer ações preventivas, delegando-as aos profissionais que julgam qualificados (profissionais da área da saúde) e a utilizarem depoimentos de ex usuários^{39,40}.

Prevenção do uso de drogas psicoativas na escola

A escola, pode acolher o adolescente, pois tem instrumentos para a promoção da autoestima e autodesenvolvimento, além de contemplar as necessidades de aprendizagem. Através de seus professores pode estimular a formação de vínculos saudáveis entre os pares, acolhendo-os em suas necessidades emocionais, incluindo outros suportes (pais, profissionais da saúde, conselho tutelar, etc.) na expectativa de promover espaço de escuta, apoio e entendimento sobre comportamentos favorecedores da saúde, entre eles o uso de drogas psicoativas, e assim facilitar a compreensão sobre danos e prevenção. Assim, o ambiente escolar pode fazer parte do suporte social e representar para o adolescente um local adequado, um espaço para sentir-se pertencente e engajado socialmente²².

Nessa perspectiva de trabalho, o espaço escolar pode tornar-se um ambiente protetor ao consumo de drogas para o adolescente³⁸ e um fator essencial, que potencializa a resiliência desse grupo. Na Polônia, um estudo apontou que a família e o ambiente escolar revelaram ser uma rede de suporte social importante, disponível para o adolescente estabelecer relações de confiança e obter proteção quando envolve a temática de drogas⁴¹. A escola é mais que um espaço de possibilidades de interações positivas.

Ao serem questionados se em suas respectivas escolas havia algum tipo de programa sistematizado instituído pelo corpo docente e administrativo voltado à prevenção do uso de substâncias psicoativas entre seus alunos, a maioria dos professores responderam que são realizadas atividades esporádicas em sala de aula, por iniciativa do próprio professor, nada de forma sistematizada.

No que se refere a cursos de capacitação sobre a prevenção ou sobre como lidar com o uso de drogas na escola, o presente estudo revelou que boa parte dos professores afirmaram já ter participado de cursos voltados à prevenção do consumo de drogas psicoativas, porém, observou-se que ainda expressam receio, pois continuam sentindo insegurança para lidar com a temática no âmbito escolar.

Estudo realizado com professores no município de São Paulo (Brasil), apresentou resultados semelhantes aos desta pesquisa, pois apesar dos professores já terem participado de formações referentes à prevenção do uso de drogas, não houve ganhos significativos de conhecimento, talvez por se pautar essencialmente nos aspectos informativos, desconsiderando as suas representações sociais sobre o

problema²¹. Essas informações confirmam dados de pesquisas anteriores a respeito da postura dos professores, que conseguiram apontar dificuldades e deficiências nas escolas para lidarem com o problema do uso de substâncias, mas, ao mesmo tempo, não se mostravam disponíveis para fazer intervenções⁴⁰⁻⁴².

Nas narrativas dos participantes, verificou-se que algumas das dificuldades se referem à conduta a ser tomada em relação ao aluno, a compreender o seu padrão de uso (“usuário ou não”), a comunicar à família e ao temor de ocorrência de violências por parte dos alunos. Nas atitudes tomadas pela equipe escolar quando desconfiavam ou descobriam o uso de drogas entre seus alunos, sua abordagem era variada de acordo com a situação: conversa com aluno e/ou pais, encaminhamento do caso para a coordenação e direção da escola para as providências necessárias (frente ao flagrante de uso) ou simplesmente, negação do fato.

[...] a gente tem conversado com os próprios estudantes, conversado com os pais. (P10)

A maior dificuldade é entender se o aluno é usuário ou não. (P11)

[...] e depois fazer o trabalho com ele. (P3)

[...] Uma coisa muito complicada pra nós é notificar os pais de que o filho usa, [...]. (P5)

É a disciplina, porque a droga faz isso, [...] ela traz o aluno impetuoso, [...]. (P7)

Agressividade [...]. (P9)

[...] nos casos de uso efetivo de bebidas alcoólicas ou de outro tipo de entorpecentes dentro da escola, a gente trabalha com a parceria utilizando os meios externos de fiscalização normal, a Polícia Militar, Polícia Civil, Conselho Tutelar, à medida que a situação requer. (P8)

[...] tem professor que simplesmente [...] ignora o assunto, né, acha que não [...] deve ocupar o seu tempo, o tempo de aula dele debatendo o tema, né [...]. (P5)

Um estudo realizado nas regiões administrativas do Distrito Federal (Brasil) apontou posturas dos professores diferentes comparado aos participantes desta pesquisa, pois o estudo apontou que logo após um aluno ser pego portando algum tipo de droga psicoativa, a direção e os professores reuniam os alunos em uma roda de conversa e discutiam o caso, acreditando que assim, aproveitavam para desenvolver uma prática educativa com sentido e sem imposição, valorizando as opiniões e experiências de todos (direção, professores e alunos)⁴³.

Há de se destacar que tal abordagem se assemelha à estudo realizado em São Paulo (Brasil), o que tem a ver com a concepção preventiva dos autores, mais voltada para o desenvolvimento de habilidades sociais e melhora da autoestima⁴⁴.

Vale ressaltar que os problemas escolares podem tanto preceder o uso de substâncias quanto ser uma consequência do consumo³², e diante da dificuldade desse entendimento, torna-se importante conhecer a população exposta ao risco do abuso de drogas e agir de forma efetiva¹², com a realização de programas para a prevenção do uso de drogas, ressaltando as iniciativas, visando os fatores protetores do consumo.

Outro estudo aponta que é importante debater o tema, que não deve ficar apenas sob a responsabilidade do professor aborda-lo dentro da sua matéria com uma carga horária já limitada, sem disponibilidade de acréscimos, enfatizando a necessidade do apoio da direção da escola para promover adaptações curriculares para inserir conteúdos extras, como a prevenção do uso de substâncias psicoativas⁴⁰.

Como recurso disponível, autores assinalam que a prevenção do uso de drogas psicoativas se insere nesse âmbito da atenção básica, na Estratégia de Saúde da Família (ESF), através do Programa Saúde na Escola (PSE), cuja finalidade é assistir escolares e funcionários das escolas nas temáticas de prevenção de doenças e promoção da saúde, porém para a maioria dos professores, as ações do PSE não são realizadas nas escolas em que atuam, e nos casos em que houve essa iniciativa, não se tratou do tema drogas psicoativas^{12,45}.

[...] palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis, higiene pessoal, essas coisas. (P2)

[...] vermifugação, [...] identificação de manchas, [...] e palestra sobre câncer no colo do útero. (P5)

[...] vacinas [...]. (P9)

As narrativas deixam evidente a necessidade de a direção escolar buscar apoio em sua rede social e de saúde, seja ela municipal, estadual ou federal para agir nas escolas com investimentos para capacitar os professores no manejo dos problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas nos seus espaços de trabalho. A capacitação informativa por si só, conforme evidenciaram este e outros estudos, não garante a efetividade no manejo das situações, uma vez que a disponibilidade e motivação do professor para envolver-se na questão é um requisito necessário, assim como o apoio da direção e de outras instâncias (familiares, comunidade e órgãos governamentais locais) para operarem as mudanças locais e no entorno, que se fizerem necessárias.

O estudo revela temática representativa, porém apresenta como limitações, a utilização de amostra intencional e não aleatória, o que impede a generalização dos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que os professores vivenciam as substâncias psicoativas no cotidiano escolar, mas parecem carecer de familiaridade teórica e/ou prática na condução desses casos, embora a maioria tenha realizado cursos de capacitação na área. Mostram-se imobilizados e inseguros para intervir, talvez por não perceberem apoio e suporte de instâncias superiores e dos serviços de saúde da rede. Desta forma, experimentam sentimento de tristeza, pois identificam a situação, mas veem a deterioração, por falta de recursos institucionais e por não possuir as ferramentas pessoais necessárias para esse enfrentamento.

Verificou-se ainda, que os professores, em sua maioria, não desenvolvem projetos e atividades voltadas à prevenção, em razão da invisibilidade como o tema é tratado pela gestão escolar e pelos serviços da comunidade, que poderiam somar nessa assistência.

Diante do exposto, é importante ressaltar que o espaço escolar pode ser considerado como um fator protetor ao adolescente e, para isso, seu corpo docente deve ser continuamente orientado e apoiado na promoção de ações de prevenção e de enfrentamento desta problemática, em parceria com outros setores e serviços da comunidade, a fim de contribuir para novos modos de viver e práticas saudáveis de vida.

O presente estudo pretende contribuir para o desenvolvimento local de estratégias de prevenção junto aos escolares e de capacitação dos docentes. Para isso, sugere-se que novos estudos sejam realizados com professores das redes pública e privada de ensino.

REFERÊNCIAS

1. Almeida RA, Anjos UU, Vianna RPT, Pequeno GA. Perfil dos usuários de substâncias psicoativas de João Pessoa. *Saúde debate*. 2014;38(102):626-38.

2. Henriques BD, Reinaldo AMS, Ayres LFA, Moreira TR, Lucca MS, Rocha RL. O uso de crack e outras drogas por crianças e adolescentes e suas repercussões no ambiente familiar. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2016; 20(4):3-8.
3. World Health Organization (WHO). Update and Revision Committee: Cumulative official updates to CID-10. Geneva: WHO; 2013.
4. Carlini ELA, Noto AR, Sanchez ZVDM, Carlini CMA, Locatelli DP, Abeid LR, et al. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras - 2010. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília, 2010, 506p.
5. Madruga CS, Laranjeira R, Caetano R, Pinsky I, Zaleski M, Ferri CP. Use of licit and illicit substances among adolescents in Brazil - A national survey. *Addict behav.* 2012; 37:1171-5.
6. Reis LF, Sanchez ZM. A prática do sexo precoce e sexo inseguro entre escolares e sua associação com o uso de drogas e os estilos parentais. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Epidemiologia*; 2017 out. 7-11; Florianópolis; 2017. p. 18052.
7. Sanchez ZVDM, Nappo SA, Cruz JI, Carlini EA, Carlini CM, Martins SS. Sexual behavior among high school students in Brazil: alcohol consumption and legal and illegal drug use associated with unprotected sex. *Clinics.* 2013; 68(4):489-94.
8. Pechansky F, Szobot CM, Scivoletto S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Rev bras Psiquiatr.* 2004; 26(Supl I):14-7.
9. Clerget S. *Adolescência: a crise necessária.* Rio de Janeiro: Rocco; 2004.
10. Muza GM. Comportamento de risco na adolescência: a necessidade da interdisciplinaridade. *Rev saúde Dist Fed.* 2000;11(1-2):5-7.
11. Facundo FRG, Castillo MMA. Adquisición del uso de alcohol en un grupo de adolescentes mexicanos: el efecto de la relación con amigos. *SMAD, Rev eletrônica saúde mental álcool drog.* 2005; 1(2):1-13.

12. Barros BA, Lemes AG, Bauer TX, Moura AAM, Carrijo MVN, Siqueira MFC, et al. Desvelando o universo das drogas entre adolescentes. *Rev eletrônica interdisciplin.* 2016; 15(1):189-94.
13. Guimarães AD, Vieira MJ, Palmeira JÁ. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. *Rev Latino-am Enfermagem.* 2003; 11(3):293-8.
14. Sanchez ZVDM, Oliveira LG, Nappo AS. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev saúde pública.* 2005; 39(4):599-605.
15. Nicastri S, Ramos SP. Drug abuse is a preventable behavior. Drug addiction is a treatable disease. *J Bras Depend Quím.* 2001; 2(Supl. II):25-9.
16. Soares FRR, Xavier EL, Duarte KIS, Oliveira LC, Nunes MJM, Santos TLC, et al. Articulando sobre álcool e outras drogas: uma perspectiva acerca da prevenção em estudantes de uma escola pública de Mossoró-RN. *Rev extendere.* 2017; 5(1):44-56.
17. Coelho FJF, Monteiro S. Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. *EaD foco.* 2017; 7(2):194-204.
18. Hudelson PM. Qualitative research for health programmes. World Health Organization. Geneva: WHO; 1994.
19. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
20. Silva OG, Navarro EC. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. *Rev eletrônica interdisciplin.* 2012; 8(3):95-100.
21. Moreira A, Vóvio CL, Micheli D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Rev Educ Pesqui.* 2015; 41(1):119-35.
22. Ruzzi-pereira A. Prevalência do uso de álcool e outras drogas entre escolares da rede pública de ensino de Uberaba-MG: fatores de risco e de proteção [tese]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina; 2015. 124p.
23. Tuttle J, Melnyk BM, Loveland-cherry C. Adolescent drug and alcohol use: strategies for assessment, intervention, and prevention. *Nursing Clin North Am.* 2002; 37:443-60.
24. Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de Proteção para o uso de Drogas na adolescência. *Ciênc Saúde Colet.* 2005;10(3):707-17.
25. Santos MA, Pratta EMM. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo psicanál.* 2012; 44(1):167-82.

26. Elicker E, Palazzo LS, Aerts DRGC, Alves GG, Câmara S. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiol Serv Saúde*. 2015; 24(3):399-410.
27. Sanchez ZVDM, Oliveira LG, Ribeiro LA, Nappo SA. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciênc Saúde Colet*. 2011; 16(supl 1):1257-66.
28. Weber LND. Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. *INFAD Rev Psicol*. 2017; 2(1):157-68.
29. Valente JY, Cogo-moreira H, Sanchez ZVDM. Gradient of association between parenting styles and patterns of drug use in adolescence: a latent class analysis. *Drug alcohol depend*. 2017; (180):272-8.
30. Mendez-Ruiz MD, Alonso-Castilho MTJ, Alonso-Castilho MM, Uribe-Alvarado JI, Armendáriz-García NA. Relación de percepción de riesgo y consumo de alcohol em adolescentes. *SMAD, Rev. eletrônica saúde mental álcool drog*. 2015; 11(3):161-7.
31. Andrade SSCA. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad saúde pública*. 2012; 28(9):1725-36.
32. Cardoso LRD, Malbergier A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicol esc educ*. 2014; 18(1):27-34.
33. Stone AL, Becker LG, Huber AM, Catalano RF. Review of risk and protective factors of substance use and problem use in emerging adulthood. *Addict behav*. 2012; 37(7):747-75.
34. Reveles CC, Segria NJ, Botelho C. Fatores Associados à Experimentação do Narguilé entre Adolescentes. *J pediatr*. 2013; 89(6):583-7.
35. Arrijoja-morales G. Factores de riesgo para el consumo de alcohol en adolescentes estudiantes. *SMAD, Rev. eletrônica saúde mental álcool drog*. 2017; 13(1):22-9.
36. Laranjeira R, Madruga CS, Pinsky I, Caetano R, Ribeiro M, Mitsuhiro S. II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas - Consumo de Álcool no Brasil: Tendências entre 2006/2012. São Paulo: Inpad; 2013.

37. Medeiros PFP, Cruz JI, Schneider DR, Sanudo A, Sanchez ZVDM. Process evaluation of the implementation of the Unplugged Program for drug use prevention in Brazilian schools. *Subst abuse treat prev policy*. 2016; 11(2):1-11.
38. Malta DC. Exposure to alcohol among adolescent students and associated factors. *Rev saúde pública*. 2014; 48(1):52-62.
39. Sodelli M. A prevenção em nova perspectiva: ações redutoras de vulnerabilidade ao uso nocivo de drogas. *Rev portug int saude mental*. 2007; 9(2):3-58.
40. Ferreira TCD, Sanchez ZVDM, Ribeiro LA, Nappo AS. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. *Interface Comunic Saúde Educ*. 2010; 14(34):551-62.
41. Okulicz-Kozaryn K. School as a risk factor for psychoactive substance use by middle school students. *Procedia Soc Behav Sci*. 2010; 2(2):1620-24.
42. Nóvoa A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Rev Educ Pesqui*. 1999; 25(1):11-20.
43. Chagas JC, Marques RHB, Pedroza RLS, Pulino LHCZ, Silva SFL, Siqueira IB, Sousa TR, Sudbrack MFO. Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. *Rev bras educ* 2017; 22(71):1-20.
44. Moreira FG, Silveira DX, Andreoli SB. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. *Ciênc Saúde Colet*. 2006; 11(3):807-16.
45. Santiago LM, Rodrigues MTP, Oliveira Junior AD, Moreira TMM. Implantação do Programa Saúde na escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família. *Rev bras enferm*. 2012; 65(6):1026-29.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Participação dos autores: Os autores declaram que participaram de todas as etapas do estudo (concepção, desenvolvimento do estudo, redação e revisão).

Como citar este artigo: Bauer TX, Volpato RJ, Nascimento VF, Rocha EM, Oliveira PR, Almeida MASO, et al. Drogas psicoativas no contexto de trabalho do professor de escola pública. *Journal Health NPEPS*. 2018; 3(1):166-184.

Submissão: 11/11/2017

Aceito: 08/05/2018

Publicado: 30/06/2018